

MONÓLOGO DE  
UMA MULHER  
CHAMADA MARIA  
COM A SUA  
PATROA

---

SARA BARROS LEITÃO

---

POSFÁCIO  
INÊS BRASÃO



IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*Monólogo de uma mulher chamada Maria com a sua patroa* é um título roubado clandestinamente a um texto do livro *Novas Cartas Portuguesas*, que dá o mote a uma criação de Sara Barros Leitão estreada em 2021. Partindo da criação, em 1974, do primeiro Sindicato do Serviço Doméstico em Portugal, aqui se conta a história, ainda pouco reconhecida, pouco valorizada, do trabalho das mulheres, do seu poder de organização, reivindicação e mudança. Esta é a história das mulheres que limpam o mundo, das mulheres que cuidam do mundo, das mulheres que produzem, educam e preparam a força de trabalho — a história do trabalho invisível que põe o mundo a mexer.

**MONÓLOGO DE  
UMA MULHER  
CHAMADA MARIA  
COM A SUA  
PATROA**

---

**SARA BARROS LEITÃO**

---

POSFÁCIO  
Inês Brasão

**I|U** **IMPRENSA DA**  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
**COIMBRA UNIVERSITY PRESS**

# coleção dramaturgia

A coleção DRAMATURGIA dedica-se à escrita para teatro, acolhendo clássicos, modernos e contemporâneos, autores consagrados e emergentes, com atenção especial dedicada aos processos de transformação da escrita de palco. A coleção apresenta no espaço da língua portuguesa uma proposta editorial de referência no domínio do teatro, propondo edições criteriosas e acompanhadas de aparato crítico.

*DIRETOR MAIN EDITOR*

Fernando Matos Oliveira UNIVERSIDADE DE COIMBRA

*DIRETORES ADJUNTOS ASSOCIATE EDITORS*

Alexandra Moreira da Silva UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE - PARIS 3

Rui Pina Coelho UNIVERSIDADE DE LISBOA

*CONSELHO EDITORIAL EDITORIAL BOARD*

Ana Isabel Vasconcelos UNIVERSIDADE ABERTA

Christine Zurbach UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Francisco Frazão TEATRO DO BAIRRO ALTO

José Augusto Cardoso Bernardes UNIVERSIDADE DE COIMBRA

José Da Costa UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

João Maria André UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Luiz Fernando Ramos UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Manuel F Vieites ESCOLA SUPERIOR DE ARTE DRAMÁTICA DE GALICIA

Maria de Fátima Sousa e Silva UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Maria João Brillhante UNIVERSIDADE DE LISBOA

Marie-Amélie Robilliard MAISON ANTOINE VITTEZ - PARIS

Marta Teixeira Anacleto UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Pedro Eiras UNIVERSIDADE DO PORTO

**MONÓLOGO DE UMA  
MULHER CHAMADA MARIA  
COM A SUA PATROA <sup>7</sup>**

POSFÁCIO <sup>65</sup>

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Imprensa da Universidade de Coimbra  
E-MAIL imprensa@uc.pt  
URL [www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)  
VENDAS ON LINE [livrariadaimprensa.uc.pt](http://livrariadaimprensa.uc.pt)

CONCEÇÃO GRÁFICA  
Imprensa da Universidade de Coimbra

POSEÁCIO  
Inês Brasão

APOIO EDITORIAL E REVISÃO  
Madalena Alfaia

FOTOGRAFIAS (pp. 5 e 8)  
Teresa Pacheco de Miranda

PAGINAÇÃO E COMPOSIÇÃO GRÁFICA  
[www.artipol.net](http://www.artipol.net)

ISBN  
978-989-26-2581-2

ISBN DIGITAL  
978-989-26-2582-9

DOI  
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2582-9>

DEPÓSITO LEGAL  
522800/23

*Monólogo de Uma Mulher Chamada Maria com a Sua Patroa*  
é o texto dramaturgico do espectáculo homónimo, produzido pela  
estrutura artística Cassandra, cuja criação e edição tiveram o apoio da  
República Portuguesa - Cultura | DGARTES - Direção-Geral das Artes.





# MONÓLOGO DE UMA MULHER CHAMADA MARIA COM A SUA PATROA

*Em dezasseis cenas,  
com título roubado às*  
**Novas Cartas Portuguesas**

*Este espectáculo estreou no dia 4 de Novembro de 2021, no Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém, em Lisboa. A sua criação foi baseada em vários meses de pesquisa, estudo e entrevistas. Assinalamos como fontes essenciais o arquivo da CGTP do Sindicato do Serviço Doméstico, os Arquivos RTP, o livro Mulheres em Luta, de A. Celeste Vieira, e as contribuições de Conceição Ramos, Olegário Paz, Inês Brasão, Manuel Abrantes, Nuno Dias e Cláudia Campos. A pesquisa foi coordenada pela socióloga Mafalda Araújo.*



## PRÓLOGO

*Luz de serviço.*

*Quando o público entra, está uma actriz em palco, que vai limpando o chão. Entra e sai de cena as vezes que forem necessárias.*

*Não há mensagem para desligar os telemóveis.*

*O espectáculo já começou. Limpar o palco é o espectáculo.*

*É uma longa cena em silêncio. Pode demorar muitos minutos.*

*A luz de público mantém-se durante toda a cena.*

*A certa altura, inicia-se o ciclo da máquina de lavar roupa.*

*Agora é que começou “o espectáculo”.*

## CENA 1

### ACTRIZ

Eram onze da noite quando irrompe pela sala adentro um piquete de guardas: o chefe Santos, o tenente Roby e o próprio Dr. Júnior, adjunto de Lelo Portela, governador civil de Lisboa. A ordem era de encerramento imediato da reunião. Virgínia estava em cima de uma secretária e falava para a multidão, em voz baixa:

“Companheiras, não ignoreis que o governador civil pretende obrigar-nos a cumprir um regulamento draconiano, que nos reduz à condição de escravas e de mulheres de má vida. O livrete que nos querem impor é vexatório, nenhuma mulher honrada o deve aceitar.”

Não foi preciso mais. Virgínia vai presa. Trabalhadoras e trabalhadores dispersam, a sede é automaticamente encerrada.

A greve tinha começado um dia antes. E os serviços em luta, por toda a cidade, ainda vão resistir mais um dia, até que Lelo Portela não aguenta a pressão e recua: o livrete deixa de se aplicar aos Criados de Cafés e Restaurantes. Acabou o braço-de-ferro.

Voltam estes aos seus postos de trabalho e deixam as Empregadas Domésticas sozinhas, uma vez mais, perante a força repressiva do Governo Civil.

Agora, sem a solidariedade dos outros trabalhadores, elas estão isoladas. Mas não desistem e vencerão, finalmente, três meses depois, obrigando Lelo Portela a ser substituído e a fugir para o Brasil, em consequência da noite sangrenta de 19 de Novembro.

Companheiras.

Companheira,

A história que acabas de ouvir não é um policial ou uma história de cordel. Talvez já conheças esta história que te vou contar. Talvez dela sejas cúmplice, talvez sejas protagonista. Talvez nunca tenhas pensado sobre ela, ou talvez prefiras fechar os olhos.

Atenção, esta não é uma história de vilões – embora haja maldade –, também não é uma história de ladrões – embora se fale de roubos –, e muito menos é um conto de fadas – embora também envolva bruxas. Poderás surpreender-te no que descobrirás sobre ti.

Esta é uma história sobre as mulheres que são como se fossem da família.

A história que acabas de ouvir aconteceu em 1921, quando, em Lisboa, se organizou a primeira greve

das empregadas domésticas. O motivo? A republicação de um livrete para poderem exercer a profissão, que consideravam ser vexatório e infame.

Criada. Criada vem de “criar” e significa a pessoa que nascia, crescia e morria junto do seu senhor, para o servir em todos os momentos. Criada para todo o serviço. Para compreenderes esta história, precisamos de recuar até 1867. Porque foi neste ano que se escreveu, pela primeira vez em Portugal, uma pequena lei que separava as empregadas domésticas das pessoas escravizadas. A lei dizia que deixavam de ser obrigadas a acompanhar os patrões caso estes mudassem o seu local de residência, e passavam a poder negociar uma remuneração em função do seu trabalho.

Mas também dizia que não poderiam possuir móveis ou cofres, que lhes poderia ser descontada qualquer perda que o patrão notasse, e que só podiam trabalhar se tivessem um livrete onde constasse o seu registo criminal. Limpo, claro.

Daqui até 1921 é um saltinho. Já ninguém se lembra muito bem daquela lei. E a coisa ia-se fazendo. Contratos apalavrados, discussão de ordenado, direitos sociais nenhuns... Até que entra em ação Lelo Portela, o tal governador civil de Lisboa, que se lem-

bra de republicar a tal lei do Código Civil de 1867, recordando a obrigatoriedade de um livrete com o registo criminal para empregados de cafés, restaurantes e trabalhadoras domésticas.

O motivo? Bem, publicamente, Lelo Portela dizia que esta era uma classe muito dada a roubos e que o registo criminal poderia evitá-los. Mas, se formos ver bem as coisas, a verdadeira intenção era assaltar estes pobres trabalhadores e trabalhadoras, pois o tal livrete teria de ser pago do bolso dos próprios. E, à custa disto, tencionava dar mais substância aos cofres da cidade.

A partir daqui, já sabem o que aconteceu. Os trabalhadores mobilizaram-se, as empregadas juntaram-se à luta. Lelo Portela recua. O livrete deixa de se aplicar aos homens. As empregadas domésticas ficam sozinhas. Virgínia toma a dianteira do protesto. A reunião clandestina é interrompida por quatro polícias. Virgínia é presa. As empregadas entram em greve.

Se as mulheres param, o mundo pára. Se as empregadas param, a casa dos patrões pára, o que é praticamente o fim do mundo.

Eles não podem arriscar ficar sem as mulheres que os servem. E elas estão determinadas a abandonar a capital e voltar para junto das famílias.

Os patrões juntam-se ao protesto. “O livrete que lhes querem impor é infame e vexatório!” A pressão da elite sobre Lelo Portela é imensa e ele acaba por ser substituído e foge para o Brasil.

Esta mobilização ficou para a história, apesar de praticamente não aparecer na História.

“Enquanto o leão não falar, só saberemos a versão do caçador”, não é assim que se diz?

Sobretudo quando o caçador escreve para o jornal *O Século*:

“Nas casas particulares a greve não causou grande percalço. As donas de casa olharam o facto com indiferença, indo elas próprias à praça fazer o fornecimento, outras recorreram às saladas.”

Em 1921, as empregadas domésticas mobilizaram-se pela primeira vez em Portugal e fizeram ouvir a sua voz. Não ganharam grande coisa, porque, apesar de o registo criminal deixar de ser obrigatório, a lei que as protegia continuava a ser a mesma desde 1867. Esta é uma batalha que vai durar décadas, mas há uma coisa que não voltará a ser igual. As empregadas perceberam o poder que tinham e descobriram a fórmula para a sua libertação: a organização colectiva. E, por isso, antes que voltassem a abrir a boca, era

preciso entrar-lhes pela boca. É assim que se dá início ao jornal *A Voz das Criadas*, escrito pelas patroas:

“A criada, sempre que a sua senhora passe por ela, desvia-se respeitosamente, dando-lhe a direita, nunca deixando que a sua senhora passe por detrás dela.”

## CENA 2

*A máquina de lavar roupa reage. De dentro da máquina, ouve-se uma voz abafada.*

VOZ PATROA (*abafada, não se percebe o que diz*)

A empregada doméstica é um elemento muito importante na família...

ACTRIZ (*continuando a citar “A Voz das Criadas”*)

“No automóvel segue a mesma regra, abre a porta para a senhora entrar e depois dirige-se para a outra porta. Se vão três pessoas, o lugar inferior é o do meio.”

*A actriz retira um rádio de dentro da máquina de lavar roupa. A voz da patroa fica agora mais nítida.*

VOZ PATROA

É que, para que a empregada doméstica seja realmente uma colaboradora eficaz na família, é preciso que ela se sinta feliz com a sua profissão. Sem ter, sem estar apenas vinculada por um contrato financeiro.

ACTRIZ

“Não falar de costas ou sentada. Quando fala com os seus senhores, não deve empregar termos grosseiros. Está a falar a superiores, a delicadeza

nunca é demais. Deve falar sempre em voz baixa e submissa, adoptando uma postura—”

VOZ PATROA

A empregada doméstica—

ACTRIZ

“Nunca interrompendo os seus senhores.”

VOZ PATROA

A empregada doméstica é um elemento muito importante na família. Ela é a auxiliar, a colaboradora da dona de casa nas múltiplas tarefas que há a executar num lar. Ela também ajuda na formação e na educação das crianças, e dá um contributo muito próprio para o bom ou para o mau ambiente que se respira no lar.

É fundamental pensar que uma casa é uma pequena empresa. Portanto, há que ter uma organização, horários de trabalho, prioridades, pessoal.

Para exercer um determinado serviço, é necessário uma capacitação profissional. É fundamental que haja conhecimentos daquilo que se faz, que haja técnica, que haja organização, para que realmente o seu serviço seja pensado. Porque isto de organizar uma refeição equilibrada, de atender porta e telefones, de tomar conta de crianças, meter-lhes um termómetro se elas estão doentes, chamar um médico na ausência

da mãe, exige determinados conhecimentos e exige uma preparação séria.

Ou até mesmo no campo da educação das crianças, que muitas vezes têm de brincar, tem de atender uma criança, ler-lhe um livro, ou até explicar qualquer coisa extra, e deverá portanto estar preparada.

Muitas famílias hoje em dia têm horários de refeições diferentes, saem todos de casa, enfim, não há realmente aquele espírito tradicional que existia nas nossas famílias, em que todos praticamente viviam dentro do mesmo seio, estavam na mesma casa, colaboravam todos uns com os outros, e portanto as empregadas estavam dentro dessa mesma linha de acção, no mesmo ambiente. Não acontece isso realmente hoje. A mãe de família sai, chega à noite cansada, e portanto, em primeiro lugar, tem os filhos para atender, tem o marido para atender, e seria pedir-lhe muito que ela fosse ouvir, conversar, dar carinho à empregada. O que era justo, realmente, porque ela necessita de conversar, ela necessita de quem lhe dê critério. Mas enfim, com a vida, com a sociedade tal como está, isso é difícil.

*Som de interferências de rádio.*

## VOZ CRIADA

Eu não me sinto bem porque estou longe dos meus pais. E também estive dois meses numa casa e não me dei com o feitio da senhora— (*Voz interrompida.*)  
*Som de interferências de rádio.*

## VOZ PATROA

Ajudar a manter a ordem, a paz, a serenidade, a alegria numa família é uma colaboração que as empregadas domésticas podem dar e que, felizmente, muitas delas dão. É certo que algumas donas de casa encaram a empregada doméstica praticamente como membro, ou melhor, como um prolongamento da sua família. Procurando facilitar-lhes o seu bem-estar, preocupando-se sobretudo com as suas condições, facilitando-lhes uma aprendizagem, facultando-lhes tempos livres para que se possam valorizar, enfim, atendendo-as com critério de maior justiça.

## CENA 3

ACTRIZ

Limpar.

Lavar.

Atender telefones.

Dar recados.

Cozinhar refeições equilibradas.

Fazer uma bainha.

Coser umas meias.

Gerir conflitos.

Manter a alegria.

Tomar conta de crianças.

Ajudar nos deveres.

Cuidar de idosos.

Dar banho.

Às crianças.

Aos idosos.

Ao cão.

Passear o cão.

Já que vai lá fora, leva o lixo.

Já que leva o lixo, desentope a fossa.

Já que desentope a fossa, arranja o autoclismo.

A, e, i, o, u.

Lavar as cortinas.

Aspirar atrás dos móveis.

Lavar janelas.

*Pode repetir a enumeração destas tarefas as vezes que forem necessárias.*

Ser emprestada para limpezas gerais na casa da filha que se vai casar.

Ser oferecida como prenda de casamento à filha, e ouvir: “Foi um dos presentes mais úteis que recebi.”

Ser convidada para o baptizado, porque é quase como se fosse da família.

Fazer aquele bolo de que todos gostam tanto, para não ir de mãos a abanar.

Dar uma ajuda nos preparativos, apesar de ser dia de folga.

Ficar a arrumar a cozinha no fim, porque se não for hoje fica tudo ali à sua espera na segunda de manhã.

A história que te estou a contar é uma história que atravessa os tempos. Que começou há milhares de anos, e que se repete ainda nos dias de hoje.

Mas há um momento nesta história da História deste país que conta uma história paralela. Tão paralela

como os elevadores de serviço, tão sufocante como os quartos sem janela, tão invisível como se espera que uma criada seja.

Falo-te do tempo das criadas. Um tempo de um Portugal interior tão pobre, que fugir dali era fingir a morte. Como se a imensidão do mar trouxesse consigo uma imensidão de possibilidades.

## CENA 4

*A ACTRIZ entra devagar no espaço. Vê tudo pela primeira vez.*

ACTRIZ

Com licença.

Quando ela chegou àquela casa—

Sim, minha senhora.

Quando chegou, não tinha mais de 11 anos. Nas fábricas só se podia começar aos 14, por isso—

Com a sua licença.

Tomava conta de crianças da sua idade.

Eu?

No corpo não carregava conhecimento, porque, ao contrário do que se possa pensar, o jeito para cuidar dele não nasce quando nasce uma mulher.

Sim, minha senhora.

No corpo trazia sobrevivência. Essa, sim, característica inata. A sobrevivência é o antepassado que nos ensina as tarefas que nos fazem acreditar terem nascido connosco.

Licença.

Mas a sobrevivência não ensina a aguentar a solidão.

Com licença.

A sobrevivência ensina a arte de descascar laranjas no ponto em que não há vestígio de pele branca, e sem um único corte na epiderme do fruto.

Sim, minha senhora.

E no dia seguinte, voltar a aprender a deixar a pele branca e golpear os gomos, pelo puro prazer daquela mulher em vê-la sofrer por não saber descascar uma fruta que nunca provou.

Minha senhora.

Ela, que só fala comigo para me dar ordens.

Sim, senhora.

Que não me pode ver descansar.

Sim.

Fosse possível trabalhar dia e noite, e não me faltava trabalho.

...

Só me falta andar com ela ao colo.

...

Fruta, só come uma vez por semana.

Laranjas, recebe uma no Natal. Prenda do Menino Jesus. Tão rara e tão esperada, que lhe chama “as novidades”.

Com a sua licença.

Solidão? Toda.

Nem notei quando me mudou a voz, tal era muda a minha vida.

Solidão? Completa.

Falar, só falo com Deus. Não é que me oiça, mas para me escutar.

Solidão? Imensa.

A natureza sempre foi um desafio para mim. Abro a minha janela, vejo aquela laranjeira toda. Vejo aquela vida toda a entrar-me pelos olhos e aquilo faz-me feliz. A árvore frondosa. Os ramos, pedantes por não serem podados. Todo aquele verde. Os frutos verdes a crescer. A natureza a pintá-los de laranja, até laranjas se formarem.

Olho aqueles ramos, tão carregados de peso da fruta como eu de peso da vida. Aquela fruta tão madura, de um doce que raramente senti.

Até ser comida pelos pássaros, livres, leves e soltos. A enfartarem-se com a generosidade das oferendas daquela terra que também é sua e minha.

As laranjas a beijar o chão, com a força e com a violência de um desejo consumado. A morrerem de tanto amar no momento do embate, abertas,

esborrachadas, o sumo como que sangue a abandonar o corpo, agora morto.

Da minha pequena janela, só vejo céu e fruta. Como que para me lembrar de tudo o que não tenho nem mereço.

Vejo a volta de mais um ano, pelas estações a voltar. Aquele Verão que deu uma volta inteira ao sol numa volta inteira ao mundo, até voltar a mim, de novo, para me encontrar sem volta a dar, sem chuva nem sol, envolta naquele destino, sem saída nem regresso, sem escolha nem possibilidade. Aqui.

## CENA 6

Companheira,

O tempo que se vivia tinha deixado a mobilização de 1921 bem longe dali. Como se de um sonho se tivesse tratado.

O problema de não se escrever a tua história é que fica difícil acreditares que estás menos sozinha do que pensas.

Não desmobilizes com o que te vou contar: a história que agora vives nos anos quarenta continua nos anos cinquenta. Continua nos anos sessenta. Vai continuar nos anos setenta. Como é que te vão fazer aguentar todas essas décadas, perguntas tu?

*Ó Santa Zita, que no humilde trabalho doméstico soubeste ser solícita como foi Marta, quando servis Jesus, em Betânia, e piedosa como Maria Madalena, aos pés do mesmo Jesus;*

*Ajudai-me a suportar, com ânimo e paciência, todos os sacrifícios que me impõem os meus trabalhos domésticos.*

*Ajudai-me a tratar as pessoas da família que sirvo como se fosse meus irmãos.*

*Ó Deus, recebei o meu trabalho, o meu cansaço e minhas tribulações, e pela intercessão de Santa Zita dai-me forças para cumprir sempre meus deveres, para merecer o reconhecimento dos que sirvo e a recompensa eterna no céu.*

*Santa Zita, ajudai-me.*

Obra de Santa Zita, santa padroeira das empregadas domésticas.

Tinha como objectivo acolher as raparigas que chegavam às cidades, ensinava-as a cozinhar, costurar, servir, limpar. Tinha casas de formação de criadas em todo o país e recebia-as quando ficavam velhas ou doentes. Uma espécie de obra de caridade da Igreja, apoiada pelas patroas cristãs, que eram quem beneficiava destes ensinamentos e desta servitude. A Obra de Santa Zita educa para a obediência. É uma obra para empregadas domésticas.

A novidade é quando surge uma obra de empregadas domésticas.

Não te deixes enganar. Se nunca viste a tua história escrita, não significa que ela nunca aconteceu. Às vezes só é preciso procurar melhor.

*Ámen.*

## CENA 7

A que acha bem um sindicato, acha bem que se exija, mas não podemos exagerar para não haver desemprego.

A que tinha 31 anos e mais de vinte desta vida.

A que diz que só todas bem unidas venceremos.

A que diz que este trabalho não tem fim, isto não é um emprego de fechar a porta e sair.

A que comunica que os patrões ofereceram a sala para as reuniões de empregadas.

A que quer ser esclarecida sobre a diferença entre socialismo e comunismo.

A patroa que manda embora. Agora pergunto eu às senhoras, então eu vim para aqui nem 18 anos tinha, tanta coisa que tem passado por mim e agora não terei nada de garantia, fico na rua ou como é?

A que escreve para dizer que tem tanto a desabafar, mas que as senhoras não podem estar a perder tempo com os problemas de cada uma. Pede muita desculpa e muito agradece.

A que espera que Deus queira que as nossas lutas tenham produzido bons frutos, pois todas nós bem precisamos deles.

A que quer saber se as mulheres trabalhadeiras rurais, que no fim do dia são trabalhadeiras domésticas nas suas casas, e servem os seus maridos e filhos, tal como se servem os patrões, têm direito a entrar no sindicato. Se têm direito a folgas e a ordenado. E, nesse caso, se o marido é patrão.

A que é empregada doméstica numa casa de beneficência, e em dois anos nunca teve uma folga.

A que as ouviu na rádio. Que concorda com tudo e que o escândalo chega a este ponto! Ouviu que o ordenado são três mil, mas ela só ganha quinhentos e, mesmo depois do 25 de Abril, só foi aumentada em cem. Ouviu que há direito a um mês de férias por ano, mas só tem quatro horas de quinze em quinze dias, quando não é de mês a mês. Queria ter ido à missa, mas não a deixaram. A cozinha não podia ficar sozinha até às onze da manhã.

A que se despede, dizendo que é em toda a estima.

A que recebeu os boletins informativos do Sindicato, mas foram poucos! Passou a folga a metê-los nas caixas de correio dos palacetes de Cascais. Foi ou não foi um alvo bem apanhado? Se puderem mandem mais! Saudações sindicais!

A que pede desculpa pelo atrevimento em escrever às senhoras ou meninas sem as conhecer, mas se despede com “saudades”.

Queridas amigas,

Muito estimo que todas se encontrem de saúde. Sou a Maria, estive na terça-feira à noite a falar da minha situação, em que a minha senhora me tinha dado seis meses para governar a minha vida. Pois é do vosso conhecimento que eu tinha arranjado outra casa mesmo aqui ao lado. Mas afinal não saí. Pois eu saía no dia 2, e no dia 1 foi mesmo quando a senhora se convenceu de que eu ia embora e começou num pranto que eu não me ia embora, pois tinha um grande desgosto e sei lá mais. No fim, sentiu-se mal, como tem angina de peito teve de ficar todo o dia na cama, em resumo, dei-lhe uma lição que me pediu por tudo para ficar, aumentou o ordenado e cá fiquei. Tive que ir à outra senhora dizer que já não ia para lá, a senhora compreendeu e disse é melhor assim não fosse dar-lhe alguma coisa maior e ficava com remorsos, sempre são dezoito anos de convívio. Agora tem andado muito bem, ela não esperava era que eu arranjasse mesmo

outra casa. Pensava que dizia tudo e mais alguma coisa e eu não me havia de ressentir?

Agora mando aí uma inscrição duma colega minha que não sabe escrever, e já arranjei mais algumas, mas essas mandam directamente. Muitas não querem porque são parvas. Uma até me respondeu que já pagava 25 escudos da Caixa, mais 20 para o Sindicato, eram 55 escudos todos os meses e que não estava para isso, mas eu não me fiquei e disse-lhe: “Olha que bem, e depois querem ter regalias!” Eu não, eu não só mando os meus 20 escudos de Outubro como já mando os da minha colega. Tenho é medo que a carta se perca. Eu depois mando outra carta com o meu. Ou então a ver se sei quando é a reunião deste mês, e nessa altura dava lá às meninas. Olhem, eu, duma maneira ou doutra, não deixo de os dar e pronto, por agora é tudo, um abraço para todas.

A que foi despedida porque casou e já não queria ser interna.

A que não pode ir às reuniões, o marido não deixa e não tem onde deixar os filhos. O trabalho na casa dos outros acaba tarde, e depois ainda tem o da sua

casa. Não nos chegam as vinte e quatro horas de um dia para se ser a mulher que esperam que sejamos.

A que pede desculpa pela letra que vai mal feita, mas tem muita pressa.

A patroa que quer saber os seus deveres com a empregada doméstica que vai contratar, e pergunta, por ser ela própria empregada de limpeza num hospital, se também se pode sindicalizar.

A que diz que foi toda a vida criada de servir e, depois de casada, caseira. Agora, com dois filhos para sustentar e um marido emigrado que não manda dinheiro, é praticamente viúva de um vivo, o que é mais doloroso. Tem os nervos um tanto em franja. Pode o sindicato ajudar?

A que está sem receber salário. Se não podem, não tenham, não é assim?

A que o patrão quer que vá para a reforma, mas que ela fique lá a trabalhar na mesma, sem lhe pagar nada.

A que se dirige ao Sr. Dr. Delegado das Empregadas Domésticas, apesar de naquele Sindicato serem só mulheres.

A que deseja que o ano de 75 seja bom para todas, com saúde e sorte.

Eu não tenho aparecido, mas não me esqueço. Aqui no prédio pelo menos três não se querem sindicalizar, fossem todas assim não conseguíamos nada.

A que quer contribuir para o Sindicato para ajudar a construir um Portugal nosso.

As que assinam como um grupo de empregadas que trabalham quinze horas diárias, de almoço recebem um papo-seco e um tomate.

A patroa que diz que só paga se a lei a obrigar.

A que serve numa casa há vinte e nove anos, nunca teve folgas, nem domingos, nem férias. Às vezes, no Natal, uma camisola. Na Páscoa, uns lenços de assoar.

A que se quer meter como sócia mais a filha. Trabalham numa casa onze a doze horas por dia sem parar, quer saber se tem direito a uma hora para comer, como nas fábricas.

A que pergunta se, por estar grávida, tem direito a sentar-se dez minutos de duas em duas horas.

A que se demite da direcção do Sindicato, porque já não tem disponibilidade pessoal, material e anímica para dar a esta causa e nem isso lhe pode ser humanamente exigido.

A que arranjou nove mulheres para o Sindicato. Nenhuma pode assinar, são completamente analfabetas.

A que diz que a patroa diz que o Sindicato ainda não foi legalizado. É verdade?

O marido que diz que a mulher, por se encontrar doente, não pode fazer as tarefas domésticas, e precisa de contratar uma empregada. Pode o Sindicato recomendar-lhe uma? Anexo a baixa psiquiátrica da mulher: “Défice funcional que impede o desempenho das suas actividades domésticas.”

A que pergunta se nem agora, com um governo de mulheres, o Sindicato é aprovado.

A que assina com a impressão digital.

A que quer saber quem é que lá em cima está a travar a legalização do Sindicato. É por sermos mulheres? Ou por sermos criadas? Nesta meia dúzia de anos, só aqui à volta há centenas de outros sindicatos.

A que envia uma carta registada para casa dos patrões, a pedir os seus direitos. As moradas de remetente e destinatário são iguais, porque é empregada interna.

A que diz que se for preciso vai-se para a porta do Ministério do Trabalho. Se não ouvem as mulheres, vão ter de as ver.

A reunião da Intersindical, que quer tratar dos assuntos que interessam às mulheres trabalhadoras e

pergunta quem dali é o responsável pelos assuntos das mulheres.

A resposta do Sindicato, que diz que todos os seus assuntos são assuntos de mulheres, porque elas são o Sindicato, e o Sindicato são só mulheres: os seus trabalhos e os seus assuntos.

Desde a idade dos meus 7 anos que comecei a minha luta de empregada doméstica. Vim com uns patrões da minha terra para Lisboa, derivado às más condições que eu lá tinha. Eles cá valiam-se disso. Ganhando eu apenas 200 escudos, chegava ao meio do mês e eles pediam-mos, ficando assim de graça. Eu, como tinha pouca experiência e como era ameaçada por eles, tinha medo de falar.

A alimentação era uma miséria, restos de pão duro e os restos dos pratos, e só quando a sopa já estava azeda é que me davam ordens para a comer. Não podia falar com ninguém, nem à janela podia vir tomar um bocado de ar e olhar o que me rodeava para ver se esquecia o sofrimento em que eu estava envolvida.

Passava dias e dias sem comer nada que me pudesse alimentar, e se cozesse umas simples ba-

tatas com casca chegavam a bater-me e diziam que eu não precisava de comer.

Apanhei uma doença de que ainda hoje sofro, com o frio que passava, porque nem a cama era para eu descansar. E quando me deitava à noite, muitas vezes me faziam levantar para lavar os pés à patroa, porque lhe doíam os pés por causa dos calos. Muitas vezes, quando me chamavam, eu fazia de conta que não ouvia e então chamavam-me nomes que nem a certas pessoas se dirigem essas palavras, quanto mais a uma pessoa decente e sem maldade nenhuma.

Não podia usar os mesmos talheres que eles, pois tinham nojo. Mas afinal eles é que eram os mais porcos, não só nisto mas em tudo em que uma mulher há-de ser asseada. Eu, se por acaso não andava mais limpa, eram elas as culpadas, pois nem um triste bocado de sabão que fosse, já não falo em sabonete, nem em Omo, para fazer a minha higiene decentemente, pois elas não me davam. E até a água era por razão, não podia gastar mais do que um x. Se por acaso fosse além disso, tinha de ser eu a pagar.

Andavam sempre a ver na minha triste mala se eu lhes roubava alguma coisa, e se por acaso me tivessem negado a emprestar-lhes dinheiro e encontrassem uns tostões, chamavam-me os maiores nomes que podem existir e a tarefa que me davam.

Dou-vos este exemplo e quem sabe se com vós vos aconteceu o mesmo. Por isso, vamos lutar para nos podermos desamarrar das algemas que nos acorrentaram durante toda a vida.

Pois, queridas amigas, foi o que me aconteceu quando cheguei a Lisboa para iniciar a minha luta para poder sobreviver. Mas, se na minha aldeia passava sacrifícios, aqui dobravam, devido à minha pouca experiência no arranjo da casa e tudo o mais. A patroa não se interessava que soubesse ou não, e metia-me os eléctrodos místicos na mão e era como quem dissesse: “Olha, arranja-te, pois se vieste para trabalhar não é para estares para aí a olhar, para isto ganhas.” Eu olhava-a e sentia um grande sofrimento.

Ser tão nova e já estar sem o abrigo de ninguém, chorava às escondidas e pensava como pode haver gente com tão pouco coração. Pois é assim, queridas amigas, que acontece quando

a gente vai da nossa terra sem saber o que é uma cidade e quando encontramos uma patroa cruel e ingrata que ainda nos faz sentir mais oprimidas. Pois vamos lutar para isto melhorar, para assim podermos ter as nossas regalias, pois podemos acreditar que elas sem nós não valem nada, nem sequer uma sopa sabem fazer.

Vamos lutar pelos nossos direitos, para conseguirmos ser dignas de nós próprias. Se vires que tens dificuldades, dirige-te a nós, pois recebemos-te de braços abertos e fazemos tudo por tudo para nos sentirmos à vontade e agirmos livremente, resolvendo o nosso sofrimento.

Vem, não te deixes influenciar pela tua patroa nem por qualquer membro que seja contra a nossa luta, pois isso a eles não convém, porque vêem que a gente quer sair debaixo dos seus pés, mas não obedeças.

És mais uma que pode dar força para que possamos ser livres. És igual a eles e, sempre que te desprezarem e olharem com desdém, não desanimes e diz que por eles terem cultura não valem mais que nós, empregadas domésticas. Nunca penses que estás só, nós estamos contigo na casa

em que exercemos a profissão. Não tenhamos medo de impor a nossa vontade e libertar-nos da escravidão que nos oprimiu durante toda a vida. Nós, empregadas domésticas unidas, jamais seremos vencidas.

## CENA 8

*Tempo. Nos próximos minutos, luz e som fazem a transição da noite para o amanhecer, do campo para a cidade.*

*A ACTRIZ trauteia.*

Digo adeus à Serra de Arga

Digo adeus a São Lourenço

Não te digo adeus a ti porque sabes o que eu penso

Já passei a roupa a ferro

Já passei o meu vestido

Amanhã vou-me casar

E o Manel é meu marido

O Manel é quem me ama

O Manel é quem me adora

O Manel é quem me leva da minha casa pra fora

Já passei a roupa a ferro

Já passei o meu vestido

Amanhã vou-me casar

E o Manel é meu marido

Já passei a roupa a ferro  
Já passei a minha saia  
E o ladrão do meu amor  
Arranjou outra catraia

Todos me querem  
E eu quero alguém  
Quero o meu amor  
Não quero mais ninguém

Todos me querem  
E eu quero só um  
Quero o meu amor  
Não quero mais nenhum

Ai, eu quero, eu quero, eu quero  
Amanhã vou-me passar  
E já passei a roupa a ferro.

Já passei a roupa a ferro  
Já passei toda esta pilha  
Já só quero dar um berro  
Já conheço esta cartilha.

Todos me querem  
E eu só quero sair  
Quero ir estudar  
Não quero mais servir

Todos me chamam  
E eu só quero ganhar  
O pouco que preciso  
Pra me poder pôr a andar

*A música vai ganhando a dimensão de um discurso.*

Neste mundo explorador, uns servem ou são servidos,  
Que sentido é que isto faz, ensinar isto aos teus filhos?

Pegas no teu dinheiro, é tempo que estás a comprar,  
Limpo-te a casa e o traseiro, tu preferes nem olhar.  
Ouve bem o que te digo, pode soar a revolução,  
Tira os olhos do umbigo, olha pra esta multidão  
Elas lavam-te o mundo, sobes à custa delas,  
Dizemos não à servidão!

Ouve bem, companheira, somos máquinas ao serviço  
da burguesia!

É tempo de imaginar um mundo sem pessoas a limpar o que outros sujam dentro das suas casas.

Nós não queremos férias com os patrões, queremos férias como os patrões.

Nós não somos mulheres a dias, somos mulheres todos os dias.

Dizemos não à servidão. Dizemos não à servidão.

Como podemos ver mais longe, se no horizonte só vemos muros?

*A ACTRIZ começa a desconstruir as palavras por sílabas, como se estivesse com dificuldade a falar, ou como se estivesse a aprender a ler.*

Como pó-

Como pó-pá-

Có-pá-pó

Ó, Ó.

Pó.

A.

## CENA 9

P e A, PÁ.

T e O, TO.

PATO.

PATO. PRATO. PRATA.

PRATADA PRÁ PATROA.

MAR.

RIA.

MA - RI - A.

LU-TA. LABUTA. BRUTA.

FRUTA. DESFRUTA. ASTUTA.

CONDUTA. ABSOLUTA. DEVOLUTA.

SOZINHA. COZINHA...

... moderna, poupe trabalhos e maçadas até 24 prestações.

Limpeza caseira: ontem uma escravidão, hoje uma tarefa leve, que se faz a brincar com electrodomésticos.

Que brancura! Que limpeza! O lava-roupa mágico.

O sonho da dona de casa, tudo a electricidade.

*A ACTRIZ vê um livro grosso, de capa dura e avermelhada, com letras douradas. Pega nele.*

O Ca-pi-tal. O capital? O? A! A capital. A capital. A capital? Lisboa.

O capital? *Ri-se.* O capital... O capital! A capital!  
*Abre o livro e lê uma frase solta.*

“A força de trabalho, a for-, a força. A força de trabalho.”

*Pausa. Pensa.*

A força de trabalho? A força. A força. Força.

Força de trabalho.

Trabalho. Trabalho.

A-força-de-trabalho. A força de trabalho. A força de trabalho!

“A força de trabalho é a ma-i-s - va-lia.”

Mais-valia? Mais. Mais.

Mais-valia. Valia...! Mais valia!

Valia... valia...

Ah, valia! Mais-valia!

“A força de trabalho é a mais-valia do capital.”

Da capital.

“A força de trabalho é a mais-valia da capital.”

A força de trabalho é a mais-valia de Lisboa.

*Lê outro trecho.*

“O capital compra a força de trabalho e paga, em troca, o salário. Ao trabalhar, o operário

produz um novo valor, que não lhe pertence, mas sim ao capitalista.”

A ACTRIZ *apercebe-se do significado.*

O capital!

“O dia de trabalho tem um limite. Não se pode prolongar para além de uma certa marca. Um homem só pode, durante um dia de 24 horas, despende uma quantidade determinada de força vital.”

Um homem.

“E, do mesmo modo, um cavalo só pode trabalhar oito horas diariamente. A força tem necessidade de repousar, de dormir durante uma parte do dia; durante uma outra parte, o homem precisa de satisfazer outras necessidades físicas: alimentar-se, lavar-se, vestir-se e dispor de um certo tempo para a satisfação de certas necessidades intelectuais e sociais.”

## CENA 10

*Começa a ouvir-se o hino do Movimento das Forças Armadas, que acompanha toda a cena. A ACTRIZ pode usar a máquina de lavar roupa como secretária para uma reunião improvisada, só ouvimos as suas intervenções.*

— Então é assim, isto é só meia horinha, isto a gente faz isto num instante, que amanhã é dia de trabalho.

— ...

— Eu sei que é dia de semana, mas se não é agora, depois da casa arrumada, dos meninos deitados e dos calos da patroa untados, que dedicas a tua última força de trabalho à tua libertação, então quando é que vai ser? O tempo da acção sindical é depois de todo o trabalho feito.

— ...

— Pois que também estou estafada. Mas é mesmo por aí que podemos começar.

— ...

— Não sei como se faz a lei, só porque nunca fiz uma, mas isto no fundo, no fundo, não é dife-

rente de fazer um bolo. Ora, a gente agora não tem aqui nada, mas sabe o que deve levar o bolo. Faz-se uma listinha dos ingredientes e daí até ter o bolo feito é meio caminho. A gente o que quer não é uma lei? Pronto. E o que leva a lei?

— ...

— Um horário de trabalho. Vá, escreve.

— ...

— O domingo inteiro de folga. Pronto.

— ...

— O fim-de-semana todo? Isso, risca. O fim-de-semana...

— ...

— Pois, é verdade que pelo menos dar o sábado não era pior, para não os deixar descalços. O sábado sempre é aquele dia... Risca. Ter o domingo.

— ...

— Pode é não lhes dar jeito o domingo. O domingo sempre é aquele dia... Se não der jeito ao domingo, que seja trocado por um dia de semana. E agora como é que ela escreve isso?

— ...

— Um dia de folga? Um dia de folga.

— ...

- Ao domingo?
- ...
- Pronto, se possível ao domingo.
- ...
- Décimo terceiro mês.
- ...
- Um mês de férias.
- ...
- Uma hora para almoçar.
- ...
- Almoçar sentadas.
- ...
- E duas horas por dia para poder sair. E não é muito mais que isto, pois não?
- ...
- É isto. O que a gente quer é a lei dos três éfes: Folgas, Férias e Feriados.
- ...
- Data. Hoje quantos são?
- ...
- 24 do 4 de 74.

Passava das onze da noite quando, numa cozinha de um palacete do Estoril, se reuniram umas empregadas

domésticas para fazer uma lista dos ingredientes que queriam, caso um dia fosse feita uma lei.

Ora então, bom-dia. Bom-dia. Foi até tarde, foi, mas olhe que deixei tudo adiantado.

Os patrões eram uns alemães. Ele era coronel e ela era... era madame. Quando iam à Alemanha, traziam-lhe sempre um *souvenir*. Um *pretzel*, um chapéu da Baviera, um aventalzinho típico. Naquele ano, a madame tinha-lhe oferecido um rádio. Alemão.

É, mas graças a Deus que ontem ainda deu para dar a minha voltinha. Isto hoje, aqui, está que não se pode.

Desde 1973 que ela usava as folgas, as idas à praça, as saídas da igreja para mobilizar as empregadas domésticas a criarem uma comissão pré-sindicato.

Não sabiam como se fazia. Foram aprender. Direito do trabalho, OIT, estatutos, Caixa de Previdência...

Então, como é que vai querer o ovinho? Escalfado, mexido, pouco cozido ou estrelado? Bénedito? Naquela noite, a 24 de Abril de 74, quando se reuniram numa cozinha no Estoril para imaginarem uma lei que as libertasse daquela condição quase escrava, estavam longe de imaginar que a libertação dos trabalhadores estava por horas.

Já tentei mudar, já. Mas isto hoje é marchinhas por todo o lado. E mandam a gente não sair de casa, e mais os médicos para os hospitais...

A cara da madame transformou-se. Encostou lentamente o ouvido ao rádio e disse:

“Acaba a ditadura de uns, começa a ditadura dos outros.”

Olhe, mais valia!

O dia da liberdade chegou, e ela nem viu a banda passar.

O 25 de Abril foi a uma quinta-feira, e as folgas das empregadas internas são ao domingo, de quinze em quinze dias, quatro horas.

O Sr. Coronel vai querer o cafezinho?

“Ele hoje não bebe café. O coronel bebe um chá, que hoje está muito nervoso.”

Nos meses seguintes, entrava-lhe o mundo pela rádio e ela via a liberdade a acontecer pela janela. Proliferavam os sindicatos, as lutas dos trabalhadores, as nacionalizações, a libertação dos presos políticos. Elas continuavam a servir, dia após dia, sempre fechadas, sempre servis, sempre ao serviço, sem lei que as protegesse ou camaradas que as apoiassem.

No Primeiro de Maio, desceram a Avenida com uma faixa a dizer “Sindicato do Serviço Doméstico”.

Ainda não havia sindicato, e o que elas não sabiam era que iam ter de esperar mais de dois anos para conseguirem a sua legalização.

Nos meses seguintes, aproveitaram o interesse das televisões e dos jornais pela luta dos trabalhadores e deram milhares de entrevistas. Mas sabiam para quem falavam e a quem queriam chegar, por isso, era pela rádio que explicavam às companheiras, fechadas nas cozinhas de casa dos patrões, os seus direitos e a sua luta.

Os tempos estavam a mudar, mas a mudança é coisa que leva tempo.

“Onde já se viu, uma criada ir à televisão! Onde é que isto vai parar?”

E as criadas não são feitas da mesma massa que as pessoas?

“Se quer ter essas regalias todas, devia ter estudado, como as minhas filhas.”

E porque é que acha que não estudei?

*O Hino do MFA pára.*

Quando se conta a história do 25 de Abril, conta-se o dia em que as pessoas saíram à rua, conta-se o dia do início da libertação, a solidariedade entre trabalhadores. Agora, chegou o tempo de contar a narrativa alternativa de quem não saiu, e a quem fizeram acreditar que ainda não era a sua vez.

O trabalho doméstico tem de ser feito. O trabalho doméstico é a base do bem-estar, do cuidado, das necessidades básicas e saúde pessoal.

Pagando a alguém para o fazer, ou fazendo-o nós de forma gratuita quando chegamos a casa depois de uma jornada de trabalho remunerado, é trabalho.

Na agenda da libertação dos trabalhadores, já não havia espaço para a libertação das tarefas mais essenciais, feitas sobretudo por mulheres. Afinal, até para a ocupação de uma fábrica é preciso quem nos leve a marmitta, até para cumprir as oito horas de trabalho é preciso roupa lavada, até para o melhor rendimento das crianças na escola, que estão a aprender a ser a nova força de trabalho, é preciso quem garanta que vai a mochila, o casaco, o iogurte e os deveres feitos.

O problema do 25 de Abril foi que não chegou para todos. Muito menos para todas.

## CENA 11

*Começa a ouvir-se Astor Piazzolla, “Libertango” (1974). A ACTRIZ fala no ritmo da música. É uma folga cronometrada.*

Folga. Ao domingo. Quatro horas. De quinze em quinze dias.

Sete da manhã, acordar.

O menino.

A menina.

O leitinho.

A roupa de domingo.

O banho. A birra.

Deixo a mesa posta.

Oito e vinte, missa das criadas.

Nove e trinta e cinco, o pequeno-almoço dos patrões.

O leite morno mas sem nata, a torrada aparada, a fruta descascada.

A loiça, a casa arejada, as camas de lavado.

As batatas descascadas, a carne temperada de véspera.

A travessa de barro. O forno ligado. A mesa para o almoço.

Onze da manhã, a missa burguesa. O assado que tiro do forno.

A forma untada, a massa quebrada, a maçã cortada.  
O calor do forno que cheira a vitela. A tarte que faço  
sem que se dê por ela.

Abro as janelas para não cheirar. A chave na porta –  
estão a entrar.

A vitela que aquece com sabor a maçã.

O fumo que sai da panela, os padrões de cravo ver-  
melho na lapela.

A canja fingida, o *soufflé* de camarão, o copo de vi-  
nho, o pudim Ilusão.

A cozinha arrumada, o sino que bate as quatro.

A folga desejada, o cansaço acumulado.

Quero dormir, quero-me deitar. As pernas ao alto, as  
varizes a latejar.

Um banho de espuma, uma sesta, ficar quieta e des-  
cansar.

Parece que estou parva. Põe-te na rua, não se vá ela  
habituar!

O perfume que não tenho.

O caderno e a caneta.

Os discos, a tarte, o passe.

A folga que me esgota e me revitaliza.

A força que tiro do cansaço para aguentar.

Horas livres contadas de semanas inteiras trabalhadas.

O comboio, o autocarro. O atraso, a espera.  
Passo apressado, a rua a subir, que se sobe sem custar.  
Companheiras ao fundo. A reunião que vai começar.  
A música, o baile, a tarte.  
O segredo da luta é o convívio.  
Depois da labuta, é preciso o alívio.  
O discurso mal preparado.  
O brilharete que faço, afinal, tinha tudo pensado!  
Consciencialização: ver, julgar, agir.

*Fala para o público como se estivesse numa assembleia de trabalhadoras.*

— Porque viemos?

— E porque somos empregadas domésticas?

— Em que condições trabalhas?

— E quanto ganhas?

— Se não fosses empregada, o que gostavas de ser?

As inscrições que recebia. O sindicato que ainda não existia.

A mobilização. O exército de mulheres que aí vem.

— Parece que nasci para liderar uma revolução.

— O sindicato és tu. Tu és o sindicato.

*Falha a luz, a máquina de lavar roupa pára.*

## CENA 12

*Tempo. Silêncio.*

*Começa a sair água da máquina. A ACTRIZ apercebe-se. Volta ao trabalho, até as máquinas têm mais direito a parar do que as pessoas. Tenta limpar o chão. Tenta pôr a máquina a funcionar, sem sucesso.*

*A ACTRIZ ainda está ofegante. Senta-se no chão, exausta.*

*Tempo.*

*A ACTRIZ encontra uma laranja. Descasca a laranja e come-a.*

*Volta a luz, subitamente. A máquina retoma o ciclo de lavagem.*

## CENA 13

ACTRIZ

Detergente nos olhos.

O Sindicato do Serviço Doméstico foi fundado só por mulheres em 1974.

Queimadura do fogão: aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui.

Só foi legalizado em 1976.

Calosidades nos joelhos.

O objectivo era extinguir a profissão nos moldes actuais.

Mãos despigmentadas pelo uso de detergentes sem luvas.

Durante dezassete anos, lutaram para proporcionar a libertação intelectual às suas companheiras. Promoveram cursos de alfabetização, viagens, idas a exposições e ao cinema.

Rugas de preocupação.

Encorajavam as mulheres a ter uma opinião sobre os temas da actualidade: o que pensas tu sobre a bomba atómica?

Asfixia provocada pela mistura de lixívia com amoníaco.

Cumpriram a função do Estado, ao promoverem aulas de sexualidade, ao receberem queixas de violência doméstica, assédio, abuso, ao falarem sobre aborto, divórcio e contracepção, ao proporcionarem apoio psicológico.

Úlcera nervosa: tudo o que guarda e não pode dizer.

Concretizaram o caminho para a reconversão da profissão. Ocuparam três prédios, onde criaram uma cooperativa de serviços domésticos, lavandarias, creches, refeitórios comunitários.

Varizes: trabalhar em pé.

Mobilizaram milhares de mulheres em todo o país. Até a Intersindical teve dificuldade em acreditar na capacidade de organização das empregadas domésticas. Eram mulheres, e as próprias mulheres dos sindicalistas ficavam em casa a cuidar dos filhos, enquanto os homens participavam e dirigiam os sindicatos.

Diástase: três filhos.

Em 1979, organizaram o seu primeiro congresso, onde estiveram presentes mais de nove mil mulheres.

Três hérnias por pegar, virar, carregar uma pessoa acamada.

As mulheres que começaram o Sindicato e que conseguiram levá-lo para a frente aguentaram até 1991,

ano em que se votou a integração deste Sindicato num outro que representava também os jardineiros, os vigilantes e os porteiros.

Contracturas: uma vida a carregar o peso do mundo sem dobrar os joelhos.

A criação deste Sindicato tinha possibilitado dar visibilidade e voz às empregadas domésticas. A integração num outro com mais sectores voltou a colocar o serviço doméstico no fim das prioridades. Até dentro do Sindicato.

Cicatrizes: caiu em cima do tampo de vidro.

A lei de 1867 só é alterada em 1980.

É revista em 1992.

E continua igual, praticamente igual até ao dias de hoje.

É, como estas mulheres, uma lei à margem da lei geral do trabalho.

Corte. Corte. Frieira. Queimadura. Corte.

Ainda hoje, é permitido por lei que nesta profissão se trabalhe quarenta e quatro horas semanais. Sem falar no serviço interno.

Assim como é permitido que recebam menos do que o salário mínimo, porque a lei prevê que possam receber parte do salário em géneros.

Tendinite. Tendinite. Pulso aberto.

Insiste-se em que a nossa relação é diferente. Con-nosco, ela é como se fosse da família. Rejeita-se a relação de trabalho e insiste-se na linguagem dos afectos, porque ninguém quer aceitar que é patrão e que a sua casa constitui um posto de trabalho.

Alopecia, provocada pelo stress.

Recentemente, num inquérito, perguntava-se às empregadas domésticas se viam mais vantagens ou mais desvantagens em serem consideradas da família. A grande maioria respondeu que via mais desvantagens. Hoje, Portugal é um dos países da Europa que mais contratam empregadas domésticas.

Quando se pede para descreverem as suas funções, percebemos que acumulam dezenas de profissões.

Contratamos empregadas domésticas para colmatar a ausência de respostas públicas de cuidados.

Contratamos empregadas domésticas para termos mais tempo, para aliviarmos o trabalho que seria feito sobretudo por mulheres quando chegam à sua casa, para amenizar a relação dos casais, na divisão das tarefas, porque não queremos pôr as mãos no que sujamos.

Elas estão nas nossas casas. Estão nas casas ao lado. Elas transformam o espaço em casa. Elas chegam a ser a nossa casa. Na pior divisão da casa, elas fazem a sua casa.

Hoje, muitas empregadas domésticas em Portugal são mulheres emigrantes. Mulheres racializadas. Mulheres sem papéis. Mulheres que não dominam a língua. Mulheres que, mais uma vez, estão isoladas e desprotegidas.

É a mulher que, ao lavar o polibã, se agarrou ao vidro. Partiu-se em cima dela. A perna ficou toda cortada. Tentou sair para pedir ajuda. Os patrões travavam sempre a porta da rua para terem a certeza de que ela não roubava nada. Trabalhadora doméstica brasileira. 2019.

A que dormia na despensa. Um dia fugiu pela janela. Desde esse momento, não consegue ir sozinha a nenhum sítio. Perde-se, não sabe onde está, fica em pânico. Trabalhadora doméstica romena. 2014.

A que trabalhava como interna. Não sabia onde estava, não falava português, passava fome. Os patrões tinham uma lista com a comida que havia na despensa. Trabalhadora doméstica ucraniana. 2015.

A que levou comida quando chegou pela primeira vez àquela casa. Os patrões pegaram em tudo, meteram no frigorífico, gastaram aquela comida e não compraram nenhuma para a substituir. Obrigavam-na

a fazer renda todos os dias, ela detestava, mas não a podiam ver a descansar. Trabalhadora doméstica cabo-verdiana. 2017.

A que faz dez horas por dia numa casa, três vezes por semana. A patroa tem sessenta e oito frascos de perfume e obriga-a a limpar todos sempre que lá vai. Tem câmaras, filma tudo. Trabalhadora doméstica ucraniana. 2018.

A que era assediada e abusada pelo patrão. Ele dizia que lhe dava tudo o que ela quisesse se ela o satisfizesse sexualmente. Deixava notas espalhadas e dizia que ela podia comprar vestidos. Ela respondeu que só queria o ordenado. Trabalhadora doméstica brasileira.

2021.

Portugal.

São onze da noite.

*O ciclo da máquina acaba.*

*Escuro.*

# POSFÁCIO

| INÊS BRASÃO



## LEVAR NO CORPO A SOBREVIVÊNCIA<sup>1</sup>

Muitos são os minutos passados na cena inaugural de *Monólogo de uma mulher chamada Maria com a sua patroa* sem que uma única palavra se ouça. Quase infindáveis, diríamos, porque cada um desses minutos é protagonizado por uma mulher que realiza um ato de limpeza integral do chão do palco. Um ato necessário (mas sempre invisibilizado) para que a arte se acenda e o público dela se alimente. Enquanto uma mulher chamada Maria limpa o chão de linóleo, já teve início a peça sobre a história do trabalho doméstico, porque este é justamente feito de silêncio e de corpos nos bastidores. Sem dar conta, o público começará a esboçar um ar de espanto pela agilidade da empregada de limpeza que se retira em pés de lã, e pelo

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado na edição de fevereiro de 2022 do jornal *Le Monde Diplomatique*. A autora usa o novo acordo ortográfico.

seu engenho na forma de apagar as marcas visíveis do corpo que esse mesmo chão viu lavar. No desfecho da longa cena inicial, vemos a trabalhadora a apagar-se a si própria, como um ato de triunfo: sim, os patrões não gostariam de detetar vestígios das suas socas no ladrilho brilhante. A competência da trabalhadora doméstica é – e sempre foi – tanto maior quanto melhor souber apagar o rasto da sua presença: foi nisto que a instruíram, sem lhe dizerem que era também sobre apagar o direito de o seu ser um trabalho como os outros, ainda que seja um trabalho enxotado.

*Monólogo de uma mulher chamada Maria com a sua patroa*, peça criada e interpretada por Sara Barros Leitão, estreou a 4 de novembro de 2021. Sem tirar o aguçó aos futuros públicos e aos leitores, somos nela confrontados com uma longa história que, até aqui, se encontrava dispersa. Faltava-nos esta longa narrativa invisível, e foi o teatro que a trouxe à luz. O que permitiu à encenadora e atriz retratar este tenebroso caminho – que começa em 1867 e nos traz ao presente – foi a reconstituição da história (cheia de sobressaltos) da exigência de direitos laborais, protagonizada pelas diferentes tentativas de criação de um sindicato das trabalhadoras domésticas. Mas também podíamos di-

zer que o fio condutor é a forma como, na história, foi sendo protelado o estatuto deste trabalho e de quem o faz, ou como a cada pequeno avanço se seguiu um recuo, ou como este trabalho foi sendo recolocado no canto do canto do canto das políticas laborais.

Por que razão é tão difícil que estas trabalhadoras sejam representadas a nível sindical? Que ofensivas foram lançadas pelos diferentes regimes políticos, desde há mais de cem anos, que as impedem de fazer ouvir a sua voz, à imagem de qualquer outro coletivo de trabalhadores? Como foram caladas as suas lutas? Como se geraram solidariedades entre as trabalhadoras domésticas a partir da sua sindicalização, e que retorno tiveram as mulheres que partilharam as suas histórias, que acusaram de exploradores os seus patrões, que confessaram a fome que passaram ou as privações sentidas dentro de quatro paredes? Através da partilha dos resultados de uma intensa e rigorosa pesquisa de fontes escritas e orais, prévias à preparação desta sua criação, Sara Barros Leitão permite-nos aceder às múltiplas vozes que ora lutaram, ora foram vítimas da sua condição de trabalhadoras domésticas. Por exemplo, lendo-nos as cartas que chegaram ao Sindicato nos períodos pré e pós-revolucionário.

Não são aqui esquecidos importantes elementos estruturais da história da condição servil. Refiro-me, por exemplo, ao momento que recria a chegada de comboio desse longo caudal humano de mulheres e homens que, ao longo da época do Estado Novo, fugiram do frio e da fome para chegar à gare de uma estação de Lisboa ou do Porto, ainda atordoados e dificilmente seguros do caminho a seguir por entre a turbulência da cidade e um ritmo quotidiano que o campo não conhecia.

Esta é uma peça com muitos pontos de fuga para a reflexão e o confronto com as nossas próprias heranças. A intervalos, são lidas as regras da deferência que vigiavam o lugar conveniente das “criadas de servir” nos espaços público e privado: por onde andar, onde sentar, como falar, como vestir, como comer, como cuidar. Regras essas que pululavam em revistas “femininas” e manuais de etiqueta. E trazê-las para a peça permite-nos pensar que o espaço físico e social não é um espaço plano. É um espaço onde se hierarquizam pessoas. Há umas que são servidas, há outras que as servem. Fazer a vénia, dar a direita, baixar a voz, não fazer ouvir o salto do sapato, olhar para baixo, ser humilde no vestir,

ser humilde no falar, ou sentar no banco de trás são atos que nos atingem de forma discrepante: a uns, nada, a outros, tudo. Este *Monólogo de uma mulher chamada Maria com a sua patroa* vai-se tornando mais tenso à medida que se enumeram as infindáveis tarefas domésticas: as suas não-finitude e ciclicidade são metaforizadas pela duração da própria peça, que corresponde a um ciclo de máquina de lavar a roupa. E nesse enumerar de tarefas vemos que os corpos destas trabalhadoras são como marionetas por onde passam os fios do ferro de engomar, fogão, corda de roupa, pano de bordar, sanita, lavatório, cesta, sacos de compras, crianças no colo, vassoura, pano do pó, aspirador, lençol, fronha, panela, bacia de alguidar, carrinho do bebé, cama e sofá, cortinas e carpetes, toalhas de renda, serviços de porcelana, de prata e de cobre, a bengala do patrão, o calo da patroa.

Há um último momento sobre o qual importa falar e que deixei para o fim, porque está numa outra ordem reivindicativa da peça, se assim posso dizer. Trata-se da cena em que uma mulher chamada Maria é, além de um corpo de trabalho, um corpo de desejo. Com o *Libertango* em crescendo, há nesta cena um desprendimento que se torna num discurso importante,

porque alude à natureza libidinosa em cada um de nós. Sendo um momento de enorme solidão, é também por causa dessa solidão que vemos alguém a desprender-se como uma espécie de crisântemo em flor. As camadas de sacrifício e abnegação desaparecem, emergindo as de alguém que sente desejo, aqui tomado pela boca que sorve o suco da laranja e o esbanja pelo corpo abaixo enquanto se suja a camisa, tal como qualquer um de nós quando sente mais do que levar no corpo a sobrevivência. É aqui que percebemos que a história deste *Monólogo* se prolonga para além da sua dimensão histórica e política. Aquela mulher que, no início da peça, julgávamos tão distante de nós – uma trabalhadora preparando o chão de palco até desaparecer sem rasto – irrompe numa catarse ao som do bandónion e dança com um prazer que também temos, e um grito que reconhecemos, e que nos funde, alia e torna cúmplices, de tão universal.



Este livro foi composto com caracteres Bauer Bodoni,  
tipo desenhado por Henrich Joss em 1926. Foram também  
utilizados caracteres Roboto (Google, Christian Robertson, 2012).

Este livro não segue as regras do Acordo Ortográfico.

Impresso em Coral Book Creme, de 110 grs.

||U

**Sara Barros Leitão** (Porto, 1990) formou-se em Interpretação pela Academia Contemporânea do Espetáculo, iniciou a licenciatura em Estudos Clássicos, na FLUL, e iniciou o Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, na Universidade Aberta. Não concluiu nenhum.

É actriz, encenadora e dramaturga. Nos últimos anos, destacam-se as encenações dos concertos *Trilogia das Barcas*, de Gil Vicente (2018), e *Rei Lear*, de William Shakespeare (2019); bem como as criações *Teoria das três idades*, a partir do estudo do arquivo do Teatro Experimental do Porto (2018), e *Todos os dias me sujo de coisas eternas*, a partir de uma investigação sobre a toponímia portuense (2019). A criação *Monólogo de uma mulher chamada Maria com a sua patroa*, que parte de uma investigação sobre o serviço doméstico em Portugal, estreou no Centro Cultural de Belém, em 2021.

Em 2020, Sara Barros Leitão fundou a estrutura artística Cassandra, para desenvolver os seus projectos artísticos. Desde 2022, dinamiza o Heróides – Clube do Livro Feminista. Em 2023, estreou a criação *Guião para um país possível*, construída a partir dos Diários da Assembleia da República Portuguesa durante os cinquenta anos da nossa democracia.

coleção  
dramaturgia

1 2



9 0



**IMPRESA DA**  
**UNIVERSIDADE**  
**DE COIMBRA**  
**COIMBRA UNIVERSITY PRESS**